OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

1 - 2017

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X

Publicação anual

Volume 1 – 2017

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

Rui Boaventura

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)

Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)

Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)

Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)

Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)

João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)

José Remesal (Universidade de Barcelona)

Leonor Rocha (Universidade de Évora)

Manuela Martins (Universidade do Minho)

Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)

Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)

Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre Báculo do Sobral do Martim Afonso (desenho de Marco Andrade).

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Novembro de 2017

Edição impressa (preto e branco)

200 exemplares

Edição digital (a cores)

www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2017, os autores

Edição:

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras de Lisboa

1600-214 – Lisboa

www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

OPHIUSSA

Volume 1, 2017, páginas 123-130

O PAPEL DA MULHER NA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

JACINTA BUGALHÃO*

RESUMO

Em 2015, a profissão de “arqueólogo” é um exemplo de paridade. De facto, após a primeira direcção de trabalhos arqueológicos em 1950 e uma presença residual até aos anos 60 do século XX, as mulheres foram progressivamente ocupando o seu lugar na prática arqueológica. Nos anos 70, constituíam cerca de 20% dos arqueólogos autorizados a dirigir trabalhos arqueológicos; em 1990, cerca de 30%. Com o alvorecer do século XXI, o grupo profissional torna-se consolidadamente paritário. Neste trabalho procura-se consolidar a abordagem histórica sobre este processo fortemente ligado à evolução recente da sociedade e cultura portuguesas, desde as primeiras pioneiras, até ao momento presente em que o género, aparentemente, deixou de ser uma questão no exercício da profissão.

Palavras-chave: História da Arqueologia Portuguesa; Arqueologia de Género; Arqueologia no feminino.

ABSTRACT

In 2015, the profession of “archeologist” is an example of parity. In fact, after the first direction of archeological field works in 1950 and an absolutely residual situation until the sixties of the last century, women began progressively taking their natural place in the archeological practice. In the seventies, nearly 20% of the authorized archeologists were women. In 1990, they were 30% of the professionals in activity. In the dawn of the twenty first century, the professional group became more and consistently equal. The present paper seeks to consolidate the historical approach about this process, strongly related to the evolution of the Portuguese culture and society, from the first pioneers to the present times, when gender apparently, is no longer a question on the professional development.

Keywords: Portuguese Archaeology History; Gender Archaeology; Women in Archaeology.

* - Direcção Geral do Património Cultural / Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. jacintabugalhao@gmail.pt; artigo redigido conforme o Acordo Ortográfico anterior a 1990.

1. NOTA INICIAL

Em Outubro de 2014 e por ocasião da comemoração do 40.º aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974, entendeu a Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa organizar o Seminário “A Arqueologia em Portugal sob o signo da mulher”, qualificando aquele momento histórico como um ponto de viragem para a condição feminina e para o papel da mulher na sociedade portuguesa no período subsequente. Importava assim abordar esta temática no que à Arqueologia diz respeito, principalmente a presença da mulher no exercício na profissão de arqueólogo/a, entretanto emergente, nas suas diversas áreas de actividade, numa perspectiva diacrónica. O presente artigo constitui a versão escrita da comunicação apresentada nesse Seminário.

O tema das Mulheres na Arqueologia Portuguesa havia merecido um primeiro estudo (Jorge - Jorge 1996), no qual se enquadrava sociologicamente o tema, referindo a reconhecida (elevada) presença de mulheres no mercado de trabalho na realidade social recente portuguesa, bem como a elevada proporção de mulheres com habilitações académicas superiores, relativamente a outros países. Em relação à Arqueologia, considerou-se a ausência de discriminação contra as mulheres no exercício da actividade arqueológica e procurou-se quantificar o seu peso relativo na “comunidade arqueológica”. Assim, os autores estimavam que, nos anos 90 do século XX, as mulheres representavam 1/3 dos arqueólogos portugueses, salientando a sua qualificação académica. São ainda referidas a produção bibliográfica e a participação em reuniões científicas, como indicadores da crescente presença das mulheres nesta área científica.

Embora destacando o elevado mérito deste primeiro trabalho e a publicação posterior de um estudo por ocasião da comemoração do 150.º aniversário da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Bugalhão 2013), a presença e actividade das mulheres na arqueologia portuguesa têm ainda uma história por fazer. É uma tarefa a empreender, relevante quer do ponto de vista da história da disciplina científica e da actividade em Portugal, quer do ponto de vista da sociologia da profissão.

Este trabalho baseia-se essencialmente na recolha crítica e trabalhada dos dados constantes no *Endovélico*, *Sistema de Informação e Gestão Arqueológica* (relativamente à metodologia e metadados ver Bugalhão 2011). Recorreu-se

igualmente à consulta e tratamento de dados estatísticos constantes no *site* da Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (<http://www.dgeec.mec.pt/np4/home>) e da *PORDATA*, *Base de Dados de Portugal Contemporâneo*, Fundação Francisco Manuel dos Santos (<http://www.pordata.pt/Home>)

Em relação aos dados do *Endovélico*, é de referir ainda, que a informação relativa à actividade arqueológica constante neste sistema, e que originou grande parte dos valores numéricos aqui apresentados tem reconhecidas lacunas. Não obstante, considera-se que os dados para já disponíveis são fidedignos no que concerne às linhas de tendência, daí a sua utilização para este fim. Recolheram-se no *Endovélico* dados relativos à actividade arqueológica (direcções científicas de trabalhos arqueológicos) e à bibliografia, entre os anos 40 e 70 do século XX. Da década de 80 em diante, utilizaram-se exclusivamente dados relativos à actividade arqueológica.

Os dados apresentados neste trabalho estão organizados em blocos temporais de cinco anos, entre 1970 e 2014. É ainda sumariamente abordada uma fase anterior, das “pioneiras”, entre os anos 40 do século XX e 1970.

2. AS MULHERES E A ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA

À semelhança do que se passa com outras actividades profissionais de base científica ou com exigência de formação académica superior, também a Arqueologia começou por ser uma actividade exclusivamente masculina. Neste caso, a actividade tinha ainda como agravante a necessidade de implicar deslocações frequentes para fora da área de residência, situação nem sempre compatível com os padrões culturais e sociais impostos às mulheres até há poucas décadas.

Remontam aos anos 40 do século XX, os primeiros trabalhos arqueológicos dirigidos por uma mulher, Vera Leisner, que a partir dos anos 40 do século XX, desenvolve com o seu marido Georg Leisner o projecto de estudo do megalitismo peninsular. Mantém-se em actividade com múltiplos trabalhos e publicações, até aos anos 60.

Na década seguinte, regista-se a actividade de Maria de Lurdes Costa Arthur (de Ubieto), Irisalva Constância da Nóbrega Neves Moita, Maria Adília Rocha Moutinho Alarcão e Silva e Maria Amélia Abally Horta Pereira Bubner. Deve referir-se que até 1969, apenas figuram no *Endovélico* estas cinco arqueólogas em direcção de trabalhos arqueológicos, constituindo

Fig. 1 - Arqueólogos em actividade com base nas direcções científicas. Fonte: *Endovéllico*.

apenas 7% dos arqueólogos registados. A estas, juntam-se cerca de uma dezena de investigadoras que, sem se dedicar propriamente à Arqueologia de campo, se distinguiram nos estudos de contextos e espólio, nas décadas de 50 e 60. Quase todas estas arqueólogas são, na mesma época, membros da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Bugalhão 2013).

Nos anos 70 e início dos anos 80, o número de direcções científicas no feminino cresce consideravelmente, quer em termos absolutos, quer em termos relativos, e as mulheres entram definitivamente na prática arqueológica (Figura 1). Situação idêntica se observa para a produção bibliográfica, continuando a registar-se algumas situações de arqueólogas que surgem apenas associadas à investigação (publicação), mas não ao trabalho de campo (direcções científicas). São cerca de 50 (cerca de ¼ dos arqueólogos em actividade) as arqueólogas que trabalham nesta fase nos diversos sectores da Arqueologia Portuguesa: no trabalho

de campo, investigação e publicação, na gestão do património arqueológico, nos museus e na universidade, muitas vezes em registo multifuncional, como aliás acontece frequentemente com os arqueólogos deste período.

A década de 80 representa um período de viragem, com o número de arqueólogos a crescer significativamente, realidade que se consolida nos anos 90 (Bugalhão 2011). Nas duas últimas décadas do século XX, a diversificação da actividade arqueológica e a progressiva profissionalização dos arqueólogos são marcadas pelo crescimento constante do número de arqueólogas e do seu valor relativo (Figura 1). No final do milénio, a profissão de arqueólogo revela já uma situação que tende para a paridade de género (em 1999, as arqueólogas reúnem cerca de 42% das direcções científicas).

Na primeira década do século XXI, o número de arqueólogos em actividade (com base nas direcções científicas), cresce cerca de 160%, constituindo este período a fase de maior expansão da actividade

arqueológica e do grupo profissional dos arqueólogos. Simultaneamente, o número relativo de arqueólogas a dirigir trabalhos arqueológicos cresce progressivamente (Bugalhão 2013), situando-se de forma aparentemente estável, nos primeiros 15 anos do século, em cerca de 50% do total, numa situação que podemos qualificar de paridade plena, no que respeita ao número de profissionais em actividade (Figura 1). Os valores recolhidos no *Endovélico* coincidem com a realidade registada pelo projecto DISCO em Portugal, no qual são estudados, com recurso a metodologia completamente distinta, os arqueólogos em actividade em 2014 (APA 2014: 31). São igualmente coincidentes com a distribuição por género da população portuguesa entre 2000 e 2014, que regista 52% de mulheres (PORDATA).

Partindo do pressuposto empiricamente adquirido que o grupo profissional dos arqueólogos regista uma elevada flutuação ou mesmo volatilidade, procurou-se a sua analisar (in/e)stabilidade ao longo do tempo, com o objectivo de verificar se existem diferenças neste aspecto relativamente ao género. Para tal apresentam-se valores de tendência ainda preliminares, essencialmente baseados na direcção científica (corrigidos pontualmente com informação de outra natureza) (Figura 4). Tratando-se de valores relativos, apresentam maior diferenciação quando os valores absolutos em causa (n.º de arqueólogos/as) são mais baixos.

Assim, no início dos anos 80, os valores de abandono e continuidade são muito diferentes entre homens e mulheres pois referem-se a uma fase em que a proporção entre géneros era muito desequilibrada. Para as mulheres verifica-se uma muito elevada taxa de continuidade relativamente ao período anterior, acrescida de uma percentagem muito elevada de ingressos.

Entre 1985 e 1989, os valores são mais equilibrados entre os dois géneros, caracterizando-se genericamente por percentagens de continuidade e ingresso relativamente elevadas, denunciando o crescimento constante do grupo profissional.

Na primeira metade da década de 90, os valores mantêm-se tendencialmente estáveis, excepto nos valores relativos aos ingressos que revelam nesta fase uma diminuição do ritmo de crescimento do grupo profissional, espelhando um momento de “crise” na Arqueologia portuguesa (Bugalhão 2011). Ainda assim, regista-se que a percentagem de ingressos femininos é consideravelmente superior aos masculinos, contribuindo para diminuir as diferenças anteriores entre géneros.

Entre 1995 e 2004, os valores de continuidade e ingresso sobem, revelando uma fase de grande expansão da Arqueologia portuguesa - actividade arqueológica e arqueólogos em actividade (Bugalhão 2011). A grande maioria dos arqueólogos (mulheres e homens) permanece em actividade. Entram muito novos arqueólogos na profissão mas, mais uma vez a percentagem de ingressos feminino é sempre crescente e muito elevada (entre 2000 e 2004). Como já foi referido, estas tendências produzem nos primeiros anos do século XXI uma situação paritária no grupo profissional dos arqueólogos.

Entre 2005 e 2009, a grande maioria dos arqueólogos (homens e mulheres) permanece em actividade. As taxas de ingressos são elevadas mas decrescem significativamente em relação aos cinco anos anteriores. Pela primeira vez desde o final dos anos 80, os valores relativos de ingresso são idênticos entre homens e mulheres confirmando a situação de paridade alcançada, nos cinco anos anteriores.

Nos últimos cinco anos (2010 a 2014), aparentemente, regista-se uma realidade que poderá enunciar uma alteração de tendência na Arqueologia portuguesa. Os valores de abandono crescem relativamente aos 15 anos anteriores; os valores de ingresso sofrem uma quebra considerável, sendo aliás os mais baixos de todo o período em estudo. É contudo relevante referir que estas alterações verificadas não revelam distinção de género. Quer os números de abandono da actividade, quer os de ingresso, são idênticos entre mulheres e homens, ou sejam, permitem a plena manutenção da paridade de género que se regista actualmente (entre 2010 e 2014).

3. AS MULHERES NA FORMAÇÃO ACADÉMICA SUPERIOR EM ARQUEOLOGIA

Uma forma incontornável de abordar das diferenças de género na Arqueologia nacional é a análise dos dados evolutivos disponíveis para a obtenção de grau académico superior (licenciatura, mestrado e doutoramento) em Arqueologia (cursos em que a área científica predominante é a Arqueologia, independentemente da sua denominação), em Portugal (licenciatura) ou em universidade estrangeira (mestrado e doutoramento, desde que sob temática correlacionável com a Arqueologia portuguesa).

Os dados apresentados (Figuras 2 e 3) são para já preliminares. Relativamente às licenciaturas, dispõe-se apenas de dados desde

Fig. 2 - Percentagem de mulheres com graus académicos superiores em Arqueologia.

1993 (com distribuição por género, desde 1995), disponibilizados no *site* da DGEESC (<http://www.dgeec.mec.pt/np4/90/>). Relativamente a mestrados e doutoramentos, referem-se ao período entre 1970 e 2014, consideram-se os dados coligidos no âmbito do projecto de doutoramento da signatária, que se revestem de carácter provisório.

Como ponto prévio deve fazer-se referência aos dados disponibilizados pela *Pordata*, referentes à população portuguesa com grau académico superior, segundo os censos. Da sua análise pode concluir-se que a população feminina, partindo em 1960 de uma desvantagem considerável (apenas 22% da população com grau académico superior), alcança, entre 1991 e 2001, valores compatíveis com paridade de género, na aquisição de qualificações académicas superiores. Nas séries de dados anuais, a *Pordata* disponibiliza informação entre 1998 e 2014, sendo que, neste intervalo temporal, as mulheres com grau académico superior representam entre 58 e 61% do total de graduados. No século XXI, claramente, as mulheres são mais qualificadas academicamente que os homens.

No que se refere às licenciaturas em Arqueologia, verifica-se que os dados disponíveis (desde 1995) revelam invariavelmente uma predominância feminina. Contudo, acredita-se que pelo menos até 1990 a situação poderia ser diversa. Os dados para já disponíveis revelam uma presença

feminina nos 57%, próxima dos valores para a população portuguesa com qualificação superior. O projecto Disco Portugal atribui uma percentagem de 53% às arqueólogas, entre os profissionais em actividade detentores de licenciatura (APA 2014).

Quanto aos mestrados em Arqueologia, os dados para já recolhidos remontam ao início dos anos 80 do século XX e revelam alguma variação anual quanto à distribuição por género. Na sua totalidade contudo, mostram tendência semelhante aos indicadores já referidos ou seja, as mulheres representam 54% dos detentores do grau de mestre nesta área científica, em Portugal. O projecto Disco Portugal atribui uma percentagem de 56% às arqueólogas, entre os profissionais em actividade detentores de mestrado (APA 2014).

Finalmente, relativamente aos doutoramentos em Arqueologia, registam-se a partir dos anos 60' do século passado, embora o primeiro doutoramento no feminino surja apenas no início da década de 80. A proporção feminina permanece até ao final do século XX em valores inferiores ao género masculino. Na totalidade do período em estudo as arqueólogas representam 45% dos graus de doutor atribuídos; contudo, entre 2000 e 2014, este valor atinge já os 50%. O projecto Disco Portugal atribui uma percentagem de 54% às arqueólogas, entre os profissionais em actividade detentores de doutoramento (APA 2014), expressando seguramente uma realidade mais

Fig. 3 - Distribuição por género dos graus académicos superiores em Arqueologia.

próxima do momento actual.

Considerado o período para qual se dispõe de dados que permitem esta comparação (1998-2014), e tendo em consideração valores médios, conclui-se que a percentagem de mulheres com licenciatura e mestrado em Arqueologia (57%) é aproximada da percentagem de população portuguesa feminina com grau académico superior (60%). Por sua vez, neste período, a percentagem de mulheres com grau de doutor em Arqueologia situa-se num valor claramente inferior (44%). Esta percentagem aproxima-se contudo de outros indicadores relevantes: na categoria de Investigador, entre 2003 e 2012, há 44% de mulheres; entre os recursos humanos que trabalham em I&D, entre 1999 e 2012, registam-se 42% de mulheres (dados recolhidos no âmbito do *Inquérito ao potencial científico e tecnológico nacional*, em DGEESC, 2014).

4. NOTAS FINAIS

A análise do papel da mulher na Arqueologia numa perspectiva diacrónica é um dos aspectos mais significativos da história desta disciplina científica em Portugal. Atendendo ao carácter embrionário que os dados recolhidos e as reflexões produzidas ainda têm, considera-se que muito há ainda por fazer, principalmente no que se refere à presença da

mulher nas várias frentes de trabalho da Arqueologia, (investigação, arqueologia preventiva, museus, ensino, divulgação, gestão do património, produção bibliográfica, etc).

Em Portugal, surgem entre 1940 e 1970, as primeiras arqueólogas. Nos anos 80, verifica-se um primeiro momento de consolidação da presença feminina no grupo profissional, tendência que se vai aprofundando até à viragem do século, quando se alcança paridade de género na profissão. Aparentemente, a paridade na aquisição da habilitação académica de base precedeu, em alguns anos (1990 - 1995), a paridade no grupo profissional (século XXI). Aliás, na análise dos valores de novos ingressos na profissão é perceptível que o crescimento do grupo profissional se vai fazendo principalmente com base nos ingressos femininos, alimentados pela formação académica que também regista a mesma tendência.

NoséculoXXI, a presença da mulher é transversal a todas as frentes da actividade arqueológica: investigação, museus, ensino, arqueologia preventiva, divulgação, gestão do património, produção bibliográfica, etc. Aparentemente e ao contrário do que se passa noutros sectores, não parece verificar-se ao nível das posições de chefia e/ou liderança, uma presença menos expressiva de mulheres. Este aspecto merece contudo, um maior

Arqueólogos em actividade (a partir das direcções científicas).						
Fonte: <i>Endovélico</i>						
	% de abandono		% de continuidade		% de ingressos	
	M	H	M	H	M	H
1970 - 1974						
1975 - 1979	56%	35%	44%	65%	75%	55%
1980 - 1984	6%	27%	94%	73%	69%	59%
1985 - 1989	21%	28%	79%	72%	51%	48%
1990 - 1994	23%	23%	77%	77%	43%	25%
1995 - 1999	15%	18%	85%	82%	53%	43%
2000 - 2004	18%	15%	82%	85%	65%	49%
2005 - 2009	17%	18%	83%	82%	42%	43%
2010 - 2014	27%	25%	73%	75%	25%	24%

Fig. 4 - Distribuição por género das percentagens de abandono, continuidade e ingresso, nos arqueólogos em actividade (com base nas direcções científicas). Fonte: *Endovélico*.

aprofundamento. A percentagem de mulheres que obtém graus académicos superiores em Arqueologia (licenciatura, mestrado e doutoramento), que vinha crescendo desde os anos 80 do século passado, estabiliza-se no século XXI, em cerca de 55%, ainda um pouco abaixo dos valores de referência da população portuguesa (60%).

Para os últimos anos do período em estudo, o relatório DISCO Portugal (APA 2014) fornece mais alguns dados que, embora careçam de aprofundamento, se revelam interessantes. Aparentemente, no Norte do país, há mais arqueólogos que arqueólogas e, no Sul, há mais arqueólogas que arqueólogos. Do que respeita à distribuição etária e tendo como referência o ano de 2014, quando decorreu aquele estudo, verifica-se que acima dos 50 anos há mais arqueólogos que arqueólogas, conclusão compatível com a análise diacrónica aqui proposta. Na faixa etária (sociologicamente) fértil, entre os 26 e os 40 anos de idade, há mais arqueólogos que arqueólogas. Entre os 20 e os 25 anos e os 40 e os 50 anos, há mais arqueólogas que arqueólogos (APA, 2014).

Nos últimos cinco anos (2010 a 2014), verifica-se uma tendência que parece corresponder a uma desaceleração do crescimento do grupo profissional dos arqueólogos, com o aumento dos valores de

abandono da actividade e diminuição da intensidade de ingressos (sem diferenciação de género). Não se exclui a possibilidade deste fenómeno se relacionar com uma estabilização da classe profissional. A diminuição de ingressos poderá eventualmente decorrer da situação da economia nacional e a consequente retracção do trabalho disponível em arqueologia ou da remuneração do mesmo. É contudo de salientar que no mesmo período, a aquisição de qualificação académica para dirigir trabalhos arqueológicos (licenciatura e mestrado) continua a registar crescimento relativo considerável.

O fenómeno de abandono da profissão poderá ter o mesmo fundamento económico; mas poderá também resultar de outros factores, como o apelo da estabilidade (são plenamente reconhecidos os problemas de precariedade na profissão embora sem sustentação de dados numéricos fiáveis) e da parentalidade. Após mais de uma década de fortes ingressos jovens no grupo profissional, a parentalidade poderá impor algum impulso de abandono da profissão (actividade muito instável, itinerante e precária). A confirmar-se esta hipótese, a tendência seria mais intensa entre as mulheres. No entanto, a indiferenciação de valores entre géneros, não o indicia, situação que poderá relacionar-se com o índice sintético de fecundidade particularmente

baixo das arqueólogas, inferior ao já muito baixo valor nacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APA (2014) - *DISCO. Discovering the Archaeologists of Portugal 2012-14*. Associação Profissional de Arqueólogos, 149 p. http://www.discovering-archaeologists.eu/national_reports/2014/PT%20DISCO%202014%20Portugal%20national%20report%20portuguese.pdf (acedido durante o mês de Janeiro de 2016).
- BUGALHÃO, J. (2011) - Os desafios da Arqueologia portuguesa nas últimas décadas. *Arqueologia e História* 60-61: 19-43.
- BUGALHÃO, J. (2013) - As mulheres na arqueologia portuguesa. In ARNAUD, J. M. - MARTINS, A. - NEVES, C. (eds.), *Arqueologia em Portugal: 150 Anos*. Lisboa: 19-23.
- DGEEC (2014) - Inquérito ao potencial científico e tecnológico nacional – 1982 a 2012. 3 Décadas de indicadores de I&D em Portugal, Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, 161 p.
- JORGE, V. O. - JORGE, S. O. (1996) - Women in Portuguese Archaeology. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 36: 159-167.
- Página na Internet da Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. Ministério da Educação e Ciência. <http://www.dgeec.mec.pt/np4/90/> (acedido durante o mês de Janeiro de 2016).
- PORDATA, Base de Dados de Portugal Contemporâneo, Fundação Francisco Manuel dos Santos. <http://www.pordata.pt/> (acedido durante o mês de Janeiro de 2016).

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. O volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, seleccionará os revisores e acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações contactar: uniarq@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. Volume 1 (2017) is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will select the peer-reviewers and follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality. The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.

The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, where one can consult the entire edition.

For more information contact: uniarq@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

VICTOR S. GONÇALVES - Ophiussa regressa, em digital e, logo de seguida, em papel	5
MARCO ANTÓNIO ANDRADE - O sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso (Salvaterra de Magos, Portugal): um curioso contexto do Neolítico Final / Calcolítico na margem esquerda do Baixo Tejo	17
ANA CATARINA SOUSA - JORGE LOPES - O sítio do Moinho do Custódio (Arruda dos Vinhos): leituras preliminares e algumas considerações sobre o povoamento calcolítico na Península de Lisboa	51
PEDRO ALBUQUERQUE - O Guadiana como fronteira? Notas para um projecto de investigação	69
ANA MARGARIDA ARRUDA - ELISA DE SOUSA - JOÃO PIMENTA - RUI SOARES - HENRIQUE MENDES - Fenícios e indígenas em contacto no Estuário do Tejo	79
ELISA DE SOUSA - Algumas reflexões sobre a fase tardia da Idade do Ferro no Ocidente Atlântico	91
CARLOS PEREIRA - Produção e comércio de lucernas durante a Antiguidade Tardia: génese e evolução das lucernas tardo-antigas de produção africana	105
JACINTA BUGALHÃO - O papel da mulher na Arqueologia Portuguesa	123
RUI BOAVENTURA - VERA.LEISNER@PORTUGAL.PT	131
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS - Estudos Arqueológicos de Oeiras, 22 volumes e a contar... (VICTOR S. GONÇALVES)	144